

Um francês de projetos: a população brasileira e a imigração no olhar de Charles Ribeyrolles

□

RESUMO

O presente artigo visa trabalhar com o discurso de um viajante europeu chamado Charles Ribeyrolles. Ele veio para o Brasil em 1858, com a tarefa de analisar o país e escrever o livro *Brasil Pitoresco*, que seria publicado em duas línguas, a francesa e a portuguesa. Analisaremos neste, a opinião de Ribeyrolles no que se refere à caracterização da população brasileira e no que concerne à imigração. Buscamos apontar o que um viajante europeu achava do problema da mão-de-obra no Brasil e qual seria a solução encontrada por ele para esta situação. Temos por objetivo compreender, na opinião de Ribeyrolles, se poderíamos usar os mestiços, os negros e índios como trabalhadores, ou se este teria algum tipo de imigrante que seria ideal para o país e para a constituição do povo brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Charles Ribeyrolles, viajante europeu, imigrantes.

ABSTRACT

This article aims to analyze an European traveler's speech. This European traveler is called Charles Ribeyrolles. He came to Brazil in 1858, to analyze the country and write the book "Brazil Pitoresco", that would be published in two languages (French and Portuguese). We will analyze here the Ribeyrolles' opinion about brazilian population's characterization and immigration. We want to point what an European traveler used to think about the labor's problem in Brazil and what would be the solution he found to this situation. We want to understand, based on Ribeyrolles's opinion, if we could use the mestizos, the black people and the Indians as workers or if there would be any kind of immigrant that would be ideal to the country and to the brazilian's formation.

KEYWORDS: Charles Ribeyrolles, european traveler, immigrants.

Mestranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Graduada em História pela mesma Instituição. Atualmente leciona a disciplina História na Escola Estadual de Manhuaçu - Minas Gerais.
gomesdornelas@yahoo.com.br

Enviado em 02 de fevereiro de 2008 e aprovado em 20 de fevereiro de 2008.

INTRODUÇÃO

Desejaria ver os grandes exploradores modernos entrarem por essas florestas e tomarem conta desses prados os operários. Ganhariam com isso a terra, o homem e a ciência. (RIBEYROLLES, 1980: 80)

(Charles Ribeyrolles – Brasil Pitoresco)

O trecho acima destacado aponta para o progresso que o Brasil precisava e que a Europa poderia lhe garantir. Este é apenas um dos vários temas recorrentes em *Brasil Pitoresco*, de Charles Ribeyrolles. O viajante mencionado organiza todo seu relato a fim de indicar a necessidade do trabalho de imigrantes europeus, símbolos do labor e do progresso, que viriam solucionar vários problemas brasileiros. A literatura de viagem pode ser usada para trabalhar muitas questões.

No presente artigo, temos por objetivo analisar o discurso de Ribeyrolles no que se refere à caracterização da população brasileira e no que concerne à imigração. Como é visto o mestiço, o negro, o branco e o índio por Ribeyrolles? Seriam eles considerados bons trabalhadores para o Brasil? Por que utilizar a mão-de-obra imigrante? Que tipo de imigrante é este? Onde trabalhariam? A quem caberia promover o processo imigratório? Estas são algumas das questões que pretendemos esclarecer ao fim deste trabalho.

Escolhemos este tema no livro de Ribeyrolles por termos como objeto de estudo em nosso Mestrado a imigração dos sírios e libaneses para a cidade de Juiz de Fora. Embora o autor em questão não se remeta à presença árabe no Brasil, este destaca os debates raciais ocorridos, a necessidade de ter mão-de-obra no Brasil e a decisão de qual seria a melhor para o país. Todas essas questões esbarram em nosso estudo sobre a imigração árabe, pois estes eram asiáticos, não totalmente brancos e urbanos, diferente do que desejava a elite brasileira, que viam a salvação do país nos europeus brancos e agricultores. Todo este debate é importante para a melhor compreensão do período histórico no qual estão inseridos os imigrantes árabes e também para mapearmos o que estava acontecendo no Brasil antes da chegada destes. Desta maneira nos interessa saber o que um viajante europeu dizia sobre a imigração para o Brasil e qual seria o imigrante ideal. Buscamos também perceber o que Ribeyrolles argumenta sobre os ditos amarelos. Seriam eles apenas chineses ou também poderíamos incluir os árabes? É um discurso positivo ou negativo? Poderiam eles incorporar a massa de imigrantes vindas ao Brasil em meados do século XIX? Todas essas indagações precisam ser respondidas a fim de tornar claro o projeto de Ribeyrolles para o país crescer rumo à modernidade.

Os relatos de viagem e suas características

Assim como toda fonte histórica, o trabalho com os relatos de viagem requer método e análise crítica. Há dois tipos de relatos: o que se assemelha a um diário de bordo e outro mais sintético. O primeiro é mais detalhista, pois nele o viajante relata tudo o que está observando nos mínimos detalhes. Descreve dia-a-dia todos os seus feitos, desde o levantar até o deitar, na forma de um diário mesmo, colocando as datas e logo depois relatando os fatos ocorridos. O segundo tipo foi mais comum a partir da segunda metade do século XIX e foge da estrutura do diário de bordo, pois não mais se relata acontecimentos diários. Os viajantes observam os lugares pelos quais passam, e em vez de relatarem em seus livros ou cadernos o que acontecia todos os dias, esperavam e depois de algum tempo de viagem, paravam e anotavam as impressões que tiveram, em forma de texto, não mais se atendo às datas, antes sim fazendo uma síntese de tudo que aconteceu. Muitos acabavam dando opiniões para os problemas que encontravam, propondo soluções para estes. (SANTOS, 1999)

Os relatos podem ser analisados de três formas: como fonte de informação, como viajante ator político ou como tipo de viagem. O primeiro seria aquele em que ao desenvolver um trabalho o autor utilizaria os relatos dos viajantes enquanto informação para corroborar o que está defendendo. Este tipo de atitude pode levá-lo à contradição, já que em um mesmo viajante podemos encontrar diversas opiniões sobre um mesmo assunto, ou seja, quando um escritor utiliza um único relato enquanto fonte de informação corre o risco de afirmar algo que não seja plausível, só adaptando ao seu texto a parte relatada pelo viajante que o interessa para comprovar sua hipótese. (SANTOS, 2003: 115) Os relatos deixados podem sim ser utilizados enquanto informação, desde que sejam colocados lado a lado, comparando-os com outras fontes e com outros relatos, a fim de perceber o que há de recorrente nos textos. Só depois desta análise mais profunda, pode-se afirmar algo ou mesmo comprovar uma questão levantada. (SANTOS, 1999) O segundo ponto destaca o viajante enquanto ator em seu contexto histórico, ou seja, atuando diretamente na sociedade que está observando e propondo soluções para os males do país. Neste tipo de análise devemos buscar compreender as opiniões do autor em seu contexto histórico, de acordo com a viagem que implementa, dentre outras questões. (SANTOS, 1999) Enfim, o último método apontado seria o de analisar o tipo de viagem estabelecido. Cláudia Regina Andrade dos Santos em seu doutorado trabalhou com relatos de viajantes e fez uma tipologia das viagens. Segundo a historiadora, elas seriam em número de cinco: viagens turísticas, de conhecimento, jornalísticas, de negócio e artísticas, se diferenciando pelo tempo de estabelecimento, pelos objetivos da viagem e pelas ligações do viajante com a população local. (SANTOS, 1999: 09) O viajante com o qual iremos trabalhar, Charles Ribeyrolles, se encaixa mais no viajante enquanto ator político por ter um relato opinativo sobre os problemas brasileiros e por este ter vindo com o objetivo de analisar o país para escrever um livro. Achamos interessante então analisar as opiniões emitidas por Ribeyrolles, nos atendo ao segundo ponto que explicamos acima. Entretanto esta escolha não invalida a utilização do relato deste viajante enquanto informação ou tipo de viagem. Porém, para a análise que nos propomos a realizar será mais frutífera vê-lo como um viajante atuante em seu contexto histórico.

Brasil Pitoresco, de Charles Ribeyrolles é composto por dois volumes e possui um relato típico da segunda metade do século XIX, por ser opinativo, havendo reflexões sobre os problemas brasileiros propondo soluções para estes, se distanciando do diário de bordo, (comum na primeira metade do século em questão). O primeiro volume é dividido em dois tomos. No primeiro tomo o autor faz narrações de episódios da história brasileira desde sua formação, mas não a partir de sua observação direta, antes sim tendo como fontes estudos realizados antes de sua chegada, arquivos e outros relatos. No segundo tomo faz uma síntese de sua chegada ao Brasil e suas impressões do país, escrevendo mais atentamente sobre o Rio de Janeiro, onde se estabeleceu. O segundo volume é marcado principalmente pela caracterização da população brasileira, pela questão da falta de braços e a imensidão de terras no Brasil, o que o leva a concluir sobre a necessidade da imigração. Neste o autor analisa diretamente os problemas brasileiros e propõe soluções, criticando a má distribuição das terras, a imprensa apática, dentre outros. Para o presente trabalho nos interessará mais o segundo volume, por ser neste que o autor expõe sua opinião sobre as questões que nos motivam a realizar este artigo.

O viajante e seu contexto histórico

Charles Ribeyrolles é francês nascido em 1812 e falecido em 1861 no Brasil. Defendeu a república instituída em 1848 na França, e tendo como profissão o jornalismo, utilizou o *La Reforme*, jornal do qual era redator-chefe, como instrumento de crítica aos opositores a este regime de governo. Com os conflitos de 1849 foi deportado. Retirou-se primeiro para Londres. Após o Golpe de Estado de 1851 dirigiu-se para Jersey, onde se encontrou com diversos exilados. Em 1855 voltou novamente à Londres, onde viveu em uma situação miserável.

Em 1858 influenciado por seu amigo Dabadie, que já havia vindo ao Brasil entre 1850 e 1851, toma direção a este país imbuído da tarefa de escrever o *Brasil Pitoresco*, que seria publicado em duas línguas, a francesa e a portuguesa. (ASSOCIATION DE CAPOEIRA PALMARES DE PARIS). Exerceria então das características trazidas pela sua profissão de jornalista, observando e analisando o país tropical que estava em organização, e não se abstendo de opinar, de colocar seu ponto de vista, gerando soluções para os males brasileiros.

A causa de sua morte ainda é uma incógnita. A fonso de Taunay que escreveu sobre a vida do autor na abertura do livro *Brasil Pitoresco*, aponta que poucos dias antes de regressar à França, Ribeyrolles sofreu de febre amarela que o teria levado a falecer (RIBEYROLLES, 1980: 14). Já Victor Frond, encarregado de ilustrar o livro, quando fala da morte do amigo destaca que:

Esse fatal acontecimento, que, por tantos títulos, nos enche de desgostos, foi injustamente atribuído à febre amarela, e não passou de consequência de uma peritonite. Por mais penosa que me seja esta revelação, devo-a ao país hospitaleiro que Ribeyrolles pretendia defender na Europa e que, segundo suas formosas e verdadeiras palavras, todo o mundo censura. Devo-a também à família e aos seus amigos, que o acreditavam vítima de uma epidemia então não existente. Quando um homem como Ribeyrolles procura servir o país que o agasalha, não se deve fazer de seu túmulo uma arma contra esse país. (RIBEYROLLES, 1980: 201 e 202)

Talvez essa defesa de Frond deveu-se ao fato de que ambos (ele e Ribeyrolles) fossem adeptos à colonização do Brasil por europeus, o que seria cessado se houvesse mesmo uma epidemia no país.

Ribeyrolles chegou ao Brasil em 1858, período de intenso debate sobre os rumos do país, marcado por várias questões: fim do tráfico, necessidade de mão-de-obra, colonos desejáveis, incentivo à imigração, dentre outras. A partir de 1850, quando extinto o tráfico, houve a necessidade de um incentivo maior à imigração, não só para formação de colônias, mas também para substituir o braço escravo no campo. (ALENCASTRO, 1997: 122) A questão imigrantista ocupou os debates intelectuais e políticos. Discutia-se principalmente quais seriam os colonos mais apropriados, pois queriam estabelecer uma política de branqueamento. Perguntava-se se os ditos “amarelos”, asiáticos, não seriam prejudiciais, por terem hábitos tão distintos (religião, costumes), sendo muitas das vezes barrados pelo estado. (LESSER, 2001)

Esta época foi marcada pelas teorias raciais vindas da Europa e adaptadas ao Brasil. A elite pensava o país enquanto mestiço de transição e que chegaria ao progresso pelo branqueamento, marcado pelo predomínio da raça branca. Explica-se dessa forma a necessidade de incentivar somente a vinda de imigrantes brancos, pois no cruzamento das raças o a cor negra desapareceria. (SCHWARCZ, 1993: 12-14) Dentro deste contexto, um número considerável de pessoas que viveram a época analisava a situação e expunha sua opinião. Os viajantes que passavam por estas terras não ficariam de fora. Francês, jornalista, racialista, e conhecedor dos debates desenvolvidos na Europa, Ribeyrolles deve ter sido ativo participante das análises sobre a população brasileira e sobre o branqueamento. O racismo é algo presente a este momento histórico e era base de muitas opiniões, inclusive a de Ribeyrolles. Como podemos perceber nesta citação:

Espera-se colonizar com os chineses, os coolies, os malaios e todas essas raças degeneradas do oriente, sorte de lepra humana? (...) O Brasil, de resto, já está farto dessas famílias mescladas e bastardas que não constituem um povo. O que lhe falta é o sangue, a atividade, a ciência da Europa. (RIBEYROLLES, 1980: 148)

Ou seja, para Ribeyrolles a verdadeira família brasileira seria a branca, européia, que traria consigo o gosto pelo trabalho e o progresso em sua educação e conhecimento.

Todorov destaca que o racismo existe em qualquer época e é um sentimento marcado pelo ódio e pelo desprezo. Já o racismo é uma doutrina que tomou forma de meados do século XVIII a meados do século XX, e é uma ideologia referente às raças humanas. Segundo o autor chegamos a uma catástrofe quando o racismo (sentimento de aversão) se junta ao racismo (doutrina), pois forma-se uma política de segregação como a nazista, por exemplo. (TODOROV, 1993:107) Partindo desta definição podemos inferir que o branqueamento é uma das conseqüências do racismo, por determinar quais seriam os imigrantes desejáveis, fechando as portas para todos os outros que não se encaixassem no perfil estabelecido. Ribeyrolles viveu todo esse ambiente de caos e inserido nele expôs sua opinião e propôs soluções para o país. É nesse contexto de necessidade de novos trabalhadores e de um olhar racista e racialista que devemos entender suas propostas.

Desta maneira o autor não deixa de cometer contradições entre o que fala no Brasil e o que defendia na Europa. Ribeyrolles era republicano e adepto da liberdade. Viaja para o Brasil, único Império da América do Sul e onde a escravidão ainda permanecia. (SANTOS, 2000:165) O país representa neste momento muito do que ele repudia na França. Espera-se então, que ele se coloque contra o trabalho escravo. Entretanto destaca que os negros vivem em senzalas mal asseadas, infectas, mas que mesmo assim não chegam à miséria em que vivem muitos operários franceses em alguns quarteirões de Paris ou Londres. Além disso, também elogia o imperador brasileiro, destacando a liberdade de imprensa tão almejada na França e pouco aproveitada no Brasil. (RIBEYROLLES, 1980:125-136) Sendo ele republicano é um tanto quanto estranho tecer elogios a um Império. No decorrer da leitura podemos chegar a uma conclusão para tal atitude. Ribeyrolles foi hospedado por grandes fazendeiros e segundo ele:

(...) não convém ao viajante estrangeiro instalar um tribunal de justiça no próprio lar que o hospeda (...) Mas a verdade, como a miséria, tem seus direitos. Quando se ama um país que se quer servir, cumpre não lhe ocultar as chagas (RIBEYROLLES, 1980:54)

Ou seja, pode até mostrar os males da escravidão, mas o faz timidamente, a fim de não ofender os que o acolhe. Aponta os problemas, mas de forma amenizada. Atitude fruto de seu tempo e da realidade encontrada no Brasil. Quanto ao governo, fica impressionado que mesmo sendo o Brasil um império, o governante deste país deixa haver liberdade de imprensa, o que se lutava na França para adquirir — e ele sabe muito bem disso, é jornalista e foi exilado pela administração da oposição — no Brasil tinha-se facilmente. Vamos analisar a partir deste momento o olhar deste viajante sobre os brasileiros e sobre a imigração.

A população brasileira e a imigração

Terra sem cultivo é capital morto, paisagem para aquarelas, simples horizonte ou ponto de vista. Por melhor que ela seja, não se basta. Por mais favoráveis que sejam as suas qualidades nativas, as suas condições climáticas, falta-lhes o homem. A terra pede o trabalho como o sol. Ciência como o orvalho. (RIBEYROLLES, 1980:81)

Um dos aspectos enfatizados no relato que Ribeyrolles nos legou é a questão da imensidão das terras brasileiras. Para toda análise do país, Ribeyrolles tem uma comparação com a Europa. Dessa forma ele destaca que nesta cuida-se da terra e no Brasil ela está sozinha, e quando a usa, o faz em excesso, a desgasta e a deixa para trás em busca de novas propriedades. Outra conclusão a que chega o viajante é que numa terra tão grande e fértil ainda se compra produtos do exterior,

em vez de se extrair do próprio solo o que ele pode dar em abundância. Faltam investimentos, falta incentivo, mas acima de tudo faltam trabalhadores. Não se extraem madeiras, muitos menos faz-se estradas para escoar o que se colhe. Não há braços. (RIBEYROLLES, 1980: 55-65) Para o autor a solução seria então a imigração:

Como imprimir ao mais rico solo do planeta a força de população que ele reclama? Na Europa, o problema se concebe nestes termos: como dar a população, assaz considerável, a terra que lhe falta? Nos dois continentes, como se conclue, a oferta e a procura são contraditórias. Há aqui em abundância o que lá falta, e reciprocamente. Os termos estão invertidos. Por isso mesmo, longe de se excluir, eles se atraem e conciliam. (RIBEYROLLES, 1980: 65)

Europa e Brasil estariam em situações diferentes e por isso mesmo complementares. Por que não incentivar a vinda de colonos europeus? Questiona-se Ribeyrolles. A escravidão não durará muito tempo: “*A fazenda brasileira, viveiro de escravos é uma instituição fatal. Sua oficina não pode se renovar, e a ciência, mãe de todas as forças, fugirá dela enquanto campearem a ignorância e a servidão. O dilema (...) transformar ou morrer*”. (RIBEYROLLES, 1980: 54) Ao analisar todo este contexto apontado pelo livro de Ribeyrolles, nos perguntamos: e a população brasileira? O que vai fazer? Não pode ela trabalhar nas fazendas? Chegamos à conclusão que para o tamanho do território brasileiro ela realmente é de pequeno porte, porém pode servir a terra. Ademais as fazendas de escravos ainda terão sua mão-de-obra por um bom tempo, já que Ribeyrolles escreve em fins da década de cinquenta do século XIX e a abolição só aconteceu em fins da década de 80 do mesmo século. Ou seja, três décadas o separa da declaração de liberdade. O que leva Ribeyrolles a defender desde já a imigração européia? O que ele nos aponta sobre a população brasileira?

A partir de suas observações de viagem, do contato mantido com o povo e do seu olhar europeu, Ribeyrolles traça um panorama geral das características da população brasileira e a divide em quatro grupos: os índios, os negros, os mestiços e os brancos. A partir deste momento vamos esclarecer o que o viajante aponta sobre cada um destes.

Ainda no primeiro volume, Ribeyrolles expõe sua opinião sobre os indígenas sem ao menos tê-los conhecido, isto porque os analisa através de trabalhos realizados por outras pessoas, em fontes de arquivos, dentre outros. Estes já são inicialmente taxados de selvagens. Ribeyrolles comporta-se como um típico europeu frente ao outro, ao desconhecido, ao diferente. Selvagens por quê? Porque segundo o autor estas tribos não teriam deus, porque comiam os próprios pais, porque para entender sua forma de governo não se precisava de um Bacon ou de Montesquieu. (RIBEYROLLES, 1980: 36-39) Tribos sem culturas, “*Que interesse haveria, com efeito, em fazer incluir na história cem tribus que só conduziã flechas, clavas, cocares, dentes e crânios em colar?*”. (RIBEYROLLES, 1980, 36) Seu olhar de europeu não o deixa compreender os fatos, não o permite perceber as qualidades que os indígenas e sua cultura possuíam, só o faz ver o outro como o errado, como o inferior. Como aponta na citação a seguir:

As tribus, como os povos e os homens, só valem pelo que deixavam como herança comum. Artes, ciências, indústrias, cultura, línguas, religiões, governos, revoluções, eis os legados. Ora em todos esses assuntos, que valores se encontrarão nos arquivos e depósitos da América do Sul? (RIBEYROLLES, 1980: 36)

Percebe-se que Ribeyrolles não vê nenhuma destas qualidades nos indígenas brasileiros. E para o trabalho? Eles serviriam? Também neste ponto a população indígena seria pouco aproveitada. Segundo o autor eles não gostam de realizar trabalhos regulares e contínuos, na verdade eles os repugnam. É um grupo “*(...) puramente decorativo, como a floresta que nada produz*”

(RIBEYROLLES, 1980: 85) Ou seja, não está nos braços dos nativos a solução para o problema de mão-de-obra do país. Além de serem inferiores ainda não cativam o trabalho.

Já os negros são considerados como os verdadeiros trabalhadores do Império. São eles que movem as fazendas de café, que plantam, colhem, tudo isto sob o jugo da escravidão, da falta de liberdade. Trabalham sem cessar, comem pouco, e ainda são chicoteados pelos feitores. Mas para o viajante “[...] *os costumes são brandos e o interesse do proprietário acautela a mercadoria*”. (RIBEYROLLES, 1980: 48) Este argumento amenizador da situação escravista no Brasil pode ser compreendido, como destacamos acima, como forma de não ofender àqueles que o acolhe: os grandes fazendeiros de café. Dessa maneira também não conta nenhum acontecimento particular, de uma fazenda em especial, suas análises são neutras de culpados, são sem sujeitos diretos.

Assim como fez para o grupo indígena, Ribeyrolles também não vê com bons olhos a cultura negra. Percebemos isto quando se refere ao tempo concedido aos escravos no sábado à noite para a dança e diversão. O viajante destaca que a capoeira e o batuque começam e uma dança louca, incitante, com as mulheres provocando com os olhos, com os seios e com as ancas, toma o espaço. “[*Alegrias grosseiras, volúpias asquerosas, febris libertinas, tudo isso é abjeto e triste; porém os negros apreciam essas bacanais, e outros tiram delas proveito.*”. (RIBEYROLLES, 1980: 52) Os períodos que eram concedidos aos negros para descansar, utilizados também para lembrar as tradições de sua terra natal são taxados de *alegrias grosseiras*, onde reinava a libertinagem.

O tráfico foi rentoso e satisfatório, porém foi proibido. Continuariam apenas os negros os trabalhos nas fazendas do Império? Em algum momento esta mão-de-obra escasseará. E quem irá complementá-la? Além do mais, os escravos plantam, colhem, mas não tem direito a salário e nem terra. Não são donos de nada. “[*Sem lei, sem direito, sem família, não se edifica um povo*”. (RIBEYROLLES, 1980: 92) As pessoas não trabalhariam de forma suficiente e satisfatória sem ter direito a alguma coisa. Novamente em relação à Europa:

Entre nós há falta de trabalho. Nas fazendas do Brasil há falta de liberdade. Trabalho e liberdade – por que nunca se harmonizam? Sem dignidade nada vale o pão. Mas, sem o pão, aonde leva a altivez? Ambos os mundos têm os seus grandes males. (RIBEYROLLES, 1980: 47)

O amo dá a casa, comida, roupa, ou seja, os escravos não sentem fome como os operários da Europa. Mas não vivem em família, há ninhadadas. Não tem porque ter zelo pela sua morada, não são donos de nada. (RIBEYROLLES, 1980: 46) “[*Nas senzalas dos negros, nunca avistei um flor. Não moram nelas as esperanças e as recordações.*”. (RIBEYROLLES, 1980: 46) A mão-de-obra escrava é a que mais trabalha no Brasil, mas também não é a ideal para solucionar o problema da falta de mão-de-obra, por ter findado o tráfico e por não ser livre, não sendo este o povo destinado a erguer a nação.

Os mestiços para Ribeyrolles seriam uma espécie de uma raça melhorada. Perto dos negros embrutecidos e dos brancos débeis e ociosos, a população mestiça seria um exército forte, inteligente e adequado ao clima. Neste ponto percebemos uma contradição na análise de Ribeyrolles. Os mestiços provêm de famílias mescladas, mais especificamente do cruzamento de brancos com negros, e o viajante o aponta como um ser superior. Já com relação aos amarelos destaca: “[*O Brasil, de resto, já está farto dessas famílias mescladas e bastardas que não constituem um povo. O que lhe falta é o sangue, a atividade, a ciência da Europa.*”. (RIBEYROLLES, 1980: 148) Desta afirmação nos vem uma indagação. Não seriam os mestiços também provindos de famílias mescladas? Sim, seriam. Ribeyrolles era adepto da miscigenação, mas só daquela que levasse ao branqueamento da população, isto é, do cruzamento de brancos e negros. Todos os outros gerariam seres incapazes e inferiores.

Vêm-se, às vezes, alguns mestiços — índios, filhos de negros ou de brancos, e as mulheres dessa mistura não são destituídas de graça, sobretudo se há duas gotas de sangue azul. (...) Os filhos de índia com negro são inferiores e têm a alcunha de coribocas. (RIBEYROLLES, 1980: 207)

Diante deste quadro, os amarelos seriam o mal. A destruição da raça pura e branca também adviria do cruzamento com estes. Mas quem seriam esses amarelos? A partir da narrativa de Ribeyrolles podemos inferir que seriam os chineses, principalmente. “*Espera-se colonizar com os chineses, os coolies, os malaios e todas essas raças degeneradas do oriente, sorte de lepra humana?*”. (RIBEYROLLES, 1980: 148) Não há nada explícito no relato que nos indique que poderiam ser os árabes também inseridos dentro dessa terminologia. Ele fala de *raças do oriente*, mas não cita quais estão sendo consideradas dentro desta denominação. Ao longo de seu relato, Charles Ribeyrolles fala da presença de portugueses, ingleses, franceses, italianos, suíços, alemães, chineses, mas não cita em nenhum momento a presença de árabes ou turcos. (RIBEYROLLES, 1980: 207) Dessa forma concluímos que quando este se refere às raças amarelas não está incluso nestas os povos árabes.

Retornando à questão dos mestiços, embora estes fossem vigorosos e adaptados ao clima brasileiro também não seriam solução para o trabalho no campo, porque é uma classe que prefere cargos públicos, indústrias, magistraturas, dentre outros. Por causa do estigma da cor, os mestiços fogem ao trabalho com a terra, que traz consigo a suspeita da escravidão. (RIBEYROLLES, 1980: 93)

Enfim, com relação aos brancos Ribeyrolles é direto e objetivo. Assim como os mestiços, a população branca brasileira também se interessaria apenas por profissões liberais, universitárias, bancárias, industriais, etc. Não trabalhariam no campo. Dessa forma, também não solucionariam o problema da falta de braços.

O Brasil de Ribeyrolles era formado por quatro grupos, mas de nenhum deles advém a solução para a escassez de trabalhadores. Os índios não se adaptavam ao trabalho regular. Os negros se extinguiriam com o fim do tráfico. Os mestiços e brancos se dispunham apenas para trabalhos urbanos. Qual seria então a solução para a ocupação das terras vagas no Brasil? Para Ribeyrolles o mais correto a se fazer era

(...) assinalar à Europa as forças divinas da terra brasileira e declarar a todos, capitalistas, proletários, industriais, sábios e negociantes. “Vós que buscais os minerais preciosos, as madeiras de construção, os vales férteis, as plantas aromáticas, os sucos nutrientes ou misteriosos, as espécies e as permutas, obreiros de toda a ciência e de toda a luta, aí está a imensa floresta meridional que vos convida e vos dará todos os seus tesouros”. (RIBEYROLLES, 1980: 79)

Já que os habitantes deste imenso país não serviam para harar as suas terras e torná-las cultiváveis e produtivas, a solução era buscar fora a mão-de-obra mais adequada a este serviço. Os imigrantes seriam a solução. Cabia ao governo brasileiro fazer sua propaganda no exterior através de seus embaixadores e cônsules, para a vinda destes colonos. Mas qual era o perfil deste colono?

(...) O Brasil carece de agricultores vigorosos, boiadeiros, lavradores, pastores, jardineiros, vinhateiros, lenhadores (...) todos ligados à terra, oriundos da terra. O Brasil necessita de trabalhadores válidos, carpinteiros, pedreiros, alemães ou franceses, suíços ou irlandeses. (RIBEYROLLES, 1980: 174)

Para Ribeyrolles o que o Brasil precisava para ocupar suas terras e trabalhá-las eram os europeus brancos e agricultores, já que além de serem símbolos do labor regular, seriam também

uma forma de acelerar o processo de embranquecimento do país. Além disso, na Europa havia excesso de braços. Um país solucionaria o problema do outro. Era o progresso e a ciência européia em terras tropicais, um salto para o futuro. A extinção dos problemas.

Conclusão

Os relatos de viagem são fontes inesgotáveis de temas para trabalho. Por estarem no Brasil a serviço da observação, estes viajantes nos legaram informações interessantes e detalhadas da vida da população, dos costumes, dos hábitos, das festas, dentre vários outros pontos. Deixaram também suas impressões, suas críticas, que devem ser compreendidas dentro do contexto histórico em que estão inseridos. Europeus em sua maioria, levavam consigo a formação que tiveram em seu país e o símbolo de civilidade e cultura deste. Ao se deparar com o desconhecido, com o diferente se assustavam e muitas vezes faziam análises rápidas e preconceituosas.

Charles Ribeyrolles, como jornalista francês, não se absteve de participar do debate da mão-de-obra no Brasil e de propor seu projeto que solucionaria seus males. Constrói toda a sua narrativa para finalizar na necessidade de incentivar a imigração européia para o país, já que seu povo nativo não serviria para realizar o trabalho regular e eficiente nestas terras tropicais. Marcado pelo racismo, típico do século em que viveu, defendia a miscigenação apenas que resultasse no branqueamento. Dessa forma então, o imigrante ideal seria o colono branco, europeu e se possível protestante, que seria o símbolo do labor e do progresso, já que via Portugal e a Igreja Católica como o atraso e a ociosidade. (RIBEYROLLES, 1980)

Bibliografia

ALENCASTRO, Luiz Felipe & RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos de migrantes e imigrantes. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.). **História da Vida Privada no Brasil: Império: a corte e a modernização nacional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.2.

LEBRÉSILPITTORESQUEDECHARLESRIBEYROLLES. **Association de capoeira Palmares de Paris.** Disponível em: <http://www.capoeira-palmars.fr/histor/ribeyrol.htm>. Capturado em: 10/10/2006.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Editora da UNESP, 2001. p. 17-70

RIBEYROLLES, Charles. **Brasil Pitoresco: história, descrição, viagens, colonização, instituições.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1980. vol. 01 e 02.

SANTOS, Cláudia Regina Andrade dos. Charles Ribeyrolles ou a viagem política. In: **Revista do Mestrado de História.** Vol. 03. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2000. p. 161-196

_____. **Le Voyageurs français et le débats autour de la fin de l'esclavage au Brésil.** Tese de Doutorado. Paris IV Sorbonne, 1999.

_____. Tempo e desigualdade. In: GEBRAN, Philomena. **“Desigualdades”.** Rio de Janeiro: LESC, 2003. p. 115-136.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 12 a 14.

TODOROV, Tzvetan. **A raça e o racismo. Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.